

Pajé divulga tradição do povo apurinã

Leôncio, o pajé da tribo apurinã, participou da exposição Memória da Amazônia com rezas e "garrafadas" para a cura de doenças dos brancos

Ana Célia Ossame

O pajé da tribo apurinã, Leôncio Miguel de Lima, 62, foi a atração viva da exposição Memória da Amazônia, na semana passada. Vendendo garrafadas com chás de raízes e cascas indicadas para cura de doenças que mais afetam os brancos como gastrite, úlcera e impotência sexual, ele atendeu centenas de pessoas durante os dias que passou numa maloca tuiuca, no Centro Cultural Palácio Rio Negro.

Em meio às peças indígenas recolhidas no Amazonas pelo naturalista português Alexandre Rodrigues Ferreira há 200 anos, Leôncio quebrou o clima da exposição protegida por um forte esquema de segurança.

Acessível a todas as pessoas que o procuraram, ele foi incansável em fazer rezas, vender colares, anéis da sorte e garrafadas. "Eu tenho úlcera e acredito que o remédio dele vai me curar", disse a funcionária pública Waldiza Bentes, 50, ao sair com uma garrafada. O funcionário da Centrais Elétricas do Amazonas (Ceam), João Russo e Silva, 59, foi três vezes falar com o pajé. "Quero conhecer mais. Me interesse por este assunto", explica.

As receitas do pajé têm nomes estranhos para a língua portuguesa: "Icpericata", "cetuan" e outras colocadas com água em garrafas plásticas de refrigerantes. Leôncio começou a fazer garrafadas depois de ter sido preparado

para ser o pajé da tribo, função que detém o conhecimento das plantas e sabedoria para dar conselhos.

Para chegar ao posto de pajé, Leôncio passou por um período de treinamento na mata, considerado um dos grandes segredos da tribo. Escolhido aos oito anos de idade, foi ensinado a "ouvir a floresta". Foi ouvindo a natureza que ele obteve o conhecimento da cura, encontrando os remédios indicados para os problemas de saúde que mais perturbam os brancos. "Fui para o mato e lá aprendi a ouvir quem sabe tudo", afirma.

Por isso também é chamado a dar conselhos para a tribo. "Eu falo para os mais jovens, ensino as coisas", afirma ele que também já está preparando um menino para substituí-lo na posição de pajé, mantendo a tradição.

Apesar de ocupar um dos mais altos postos na tribo, Leôncio desconhece as ervas capazes de curar o sarampo, tuberculose e a malária, doenças que matam nas aldeias apurinã por não haver assistência médica. "Essas são doenças que os brancos levaram", queixa-se.

Suas magias e rezas não afastam também gestos concretos dos invasores em busca de madeira, pescado e castanha, que têm sido responsável pelo extermínio dos índios apurinã, reduzidos a mil pessoas. Contra isso, diz o pajé, só existe a força da lei do próprio branco. "Mas essa lei nunca funciona em favor do índio".

As "garrafadas" são feitas com chá de raízes e cascas de árvores e servem para curar doenças comuns aos brancos

Quem são os apurinãs

Os apurinãs habitam os Municípios de Labrea, Tapauá, Canutama e Boca do Acre. Pertencem ao tronco de língua aruaque e são conhecidos por ser guerreiros, não somente contra os brancos, mas também contra outros grupos indígenas. A população apurinã ocupa 20 áreas, cuja situação fundiária é a seguinte: seis são homologadas, nove delimitadas e cinco identificadas.



O pajé Leôncio de Lima diz que aprendeu a fazer remédios no mato, ouvindo a floresta

Passado violento é lembrado por índio

Os olhos do pajé Leôncio Miguel de Lima encheram-se de lágrimas quando identificou, entre as peças expostas na exposição Memórias da Amazônia, objetos produzidos pelos seus parentes. Isso o fez lembrar o passado de violências cometidas contra os povos indígenas. "Fiquei pensando como chegaram lá no mato, como pegaram essas coisas e chorei", conta ele.

Leôncio, cujo nome na língua indígena é "Ariuca", que significa "travão", tem mais lágrimas a mostrar na terra dos brancos. Além do processo de extermínio dos 40 mil índios existentes no rio Purus no século 17, de acordo com dados da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), ele reclama do abandono e da miséria a que foram condenados.

Morador da aldeia campá, distante 124 quilômetros do Município de Boca do Acre (a 1.028 km de Manaus), o pajé disse que os apurinãs foram incentivados a deixar a caça e a pesca para cultivar bananas. Depois de plantar 20 mil pés da fruteira e recolher uma produção gigantesca, vêem o produto se estragar por não ter para quem vender.

Na tentativa de salvar pelo menos parte da produção, resolveram fazer farinha de banana. Para tanto, trabalhavam até à madrugada, improvisando fachos de luz com taboas. O trabalho precisa ser rápido porque a fruta é perecível depois de descascada. O resultado é muito desgaste físico e pouca produção. "Não temos um motor de luz e nem a quem pedir", desabafa Leôncio.

Mas a exposição Memórias da Amazônia não é só sinal de morte para o pajé Leôncio. O interesse dos brancos pela exposição dos objetos, na sua opinião, é um fator importante para revelar a mudança de atitude com relação aos índios. "Eles vêm porque sabem que temos coisas boas e bonitas e têm que respeitar e reconhecer", afirma o pajé, para lamentar, no entanto, que na relação branco e índio a violência seja o fator mais persistente. "É assim que eles sempre nos tratam", avalia.

Projeto prepara 200 monitores na rede municipal

Cerca de 200 alunos da rede municipal de ensino estão sendo treinados para atuar como monitores do Projeto de Prevenção às Drogas e às Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids, em quatro escolas do Município. A ideia é facilitar o repasse de informações ao aluno através de monitores da mesma faixa etária.

"Falar de sexo com uma pessoa da mesma idade é muito mais agradável que falar com o professor", defende a chefe do setor de Educação e Saúde da Secretaria Municipal de Educação (Semed), Dirécia Ortiz, uma das coordenadoras do Projeto.

O projeto está sendo desenvolvido em parceria pela Semed e Secretaria Municipal de Saúde (Semsu) e pretende atingir 3.622 alunos dos cursos de 5ª a 8ª séries, na faixa etária dos 10 aos 19 anos. O treinamento dos alunos monitores foi dividido em oito oficinas que já estão sendo realizadas. A primeira iniciou no período de 12 a 14 deste mês e a última vai se encerrar no período de 2 a 4 de junho.

Secretarias optam por quatro escolas

Nesta primeira fase do Projeto de Prevenção às Drogas e Doenças Sexualmente Transmissíveis/DST, quatro escolas das Zonas Leste, Oeste, Norte e Sul, selecionadas estrategicamente, serão beneficiadas: Antonina Borges de Sá (São José II), Elvira Borges de Sá (Compensa II), Vicente Cruz (Flores) e Vicente de Paula (Japilândia).

Tendo em vista o aumento alarmante do número de casos de Aids entre adolescentes de 13 a 19 anos, em decorrência da atividade sexual cada vez mais precoce, além da utilização de drogas indiscriminada, a Semed e a Semsu optaram por estratégias de ação que envolvessem, principalmente, orientadores, professores e alunos, criando uma maior afinidade entre os grupos.

O objetivo das Secretarias é possibilitar aos adolescentes uma maior reflexão sobre seu processo de desenvolvimento a partir da percepção de hábitos que valorizem suas vidas e dos grupos sociais a que pertencem.